

Antero: um santo no imaginário popular

a religiosidade como um lugar de história e de memória

JACIELY SOARES DA SILVA¹

jacielysoares@gmail.com

O campo teórico da religiosidade popular institui-se como o caminho possível para elaborar como a história de Antero da Costa Carvalho tomou contorno ímpar na historiografia da cidade de Catalão-GO. Caminhar pelo viés da religiosidade popular gabarita-me a pesquisar as diversas manifestações de fé direcionadas ao ‘santo’ popular de Catalão-GO. Mas também me permite pensar sobre que solo foi forjada sua história. Dessa forma, o presente texto se faz ancorado nas discussões pontuais da História Cultural além de destacar a problemática de como a memória e a história assumem a forma de construção de um dado acontecimento, a partir de sua narrativa histórica.

Para esse debate julgo necessário recorrer a concepções de memória e história concebidas por Paul Ricouer (2007), Paolo Rossi (2010), Pierre Nora (1993), Jacy A. Seixas (2001), entre outros, os quais permitem revolver o território movediço da memória e juntamente a isso, sua inserção na história. O território da memória foi tomado como possibilidade de compreender o passado a partir da (s) memória (s) tecida (s) socialmente.

Nas análises desses autores, a memória entra em cena na historiografia como caminho possível de compreensão do passado, num impulso de não se satisfazer com memórias cristalizadas, catalisadoras de um passado único e total. Sua dinâmica impõe em questionar o tempo, os sujeitos, e as práticas de memórias, e essas, suscitam questões além do próprio objeto de memória.

No ano de 1936, Antero passa a fazer parte da história e da memória da cidade de Catalão como mais um entre tantos outros homens mortos brutalmente pelas mãos de jagunços a mando de fazendeiros catalanos. Segundo relatos² de memorialistas e

¹ Aluna de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista CAPES.

² Sobre o tema indicamos as leituras de: GOMES, Luís Palacín, FAYAD, Chaul, Juarez Costa Barbosa. História política de Catalão. (1994); RAMOS, Cornélio. Catalão: poesias, lendas e história. (1997).

pesquisadores, Antero foi preso, arrancado da cadeia por jagunços, torturado pelas ruas de Catalão e morto. Essas sequências de acontecimento se deram por Antero ter sido acusado de ser o mandante do assassinato de Albino Felipe do Nascimento. Essa seria, como já dito, mais uma entre outras mortes que marcam o período dos anos de 1930, se, a mesma não tivesse tomado caminhos inimagináveis por seus assassinos. A morte de Antero deu início a um processo de santificação popular, dando à construção da cidade de Catalão um novo traço.

A partir desse episódio central tomo o caso de Antero como esteio para se pensar como determinado fato torna-se arcabouço para refletir como as relações sociais são forjadas com o decorrer dos anos, e mais, como a partir desse episódio a história e a memória da cidade de Catalão-GO começou ser pensada tendo como personagem a figura de Antero.

A propagação da morte de Antero se deu a partir de uma memória tecida cotidianamente, que traz em seu traçado o crime ocorrido em meados da década de 1930, que foi, segundo a repercussão do episódio, um assassinato com requintes de crueldade. As narrativas construídas após a morte de Antero, pensadas a partir da injustiça, da dor e da “inocência” presumida do mesmo, constituem formas exemplares para a criação de crenças e credos populares em torno desse personagem histórico. Dessa forma, tomo as narrativas constitutivas do caso de Antero como ferramentas essenciais para abordar o assunto proposto.

Nas últimas décadas a História tem sofrido mudanças significativas, tais atingiram a Teoria da História, com suas metodologias e questões teóricas. Novos debates acentuaram que a História não é singular e sim plural, tal como a forma de narrá-la, esta “não pode ser reduzida a uma única forma e conteúdo” (MARGARETH, GIMENES, 2000:109).

Antero está inserido numa teia de tramas e narrativas que envolvem o por quê e o como se deu a sua morte. Essas narrativas com o passar dos anos sofreram modificações, apropriações e novas leituras, ganhando espaço no território do sagrado. O espaço e o tempo ganham propriedade nessas narrativas, e, as descrições sobre o caso de Antero remetem a um tempo histórico não linear e cronológico, mas sim a um tempo da memória, que se forma a partir do lacunar e do descontínuo, valendo-se por diversas vezes dos lugares, a fim, de *acender* essa memória.

Por essa perspectiva, o objeto histórico, aqui considerado, passa a ser visto como uma construção histórica e uma das várias formas de acessar o passado. A partir de então, o objeto está sujeito a ser historicizado mediante as práticas que o engendram, incorporando,

junto a isso, a subjetividade tanto dos protagonistas, quanto do próprio historiador, tal com aponta Paul Veyne (1976). O documento, assim, constitui um acúmulo de interpretações superpostas, no qual o historiador não está alheio a esta construção, sua interpretação também faz parte desse processo de construção.

Por mais que retome o caso que ocorreu em 1936, as marcas e manifestação da santidade popular em torno de Antero estão presentes nos dias atuais. E essa é a dinâmica do tempo, por mais que se faça um recorte temporal no objeto de estudo, isso não me gabarita a conhecer tudo sobre o tema proposto. Giorgio Abamben (2008), ao abordar o assunto aponta que o tempo existe somente para o homem e que este *tempo* é inapreensível e não é passível a nossa compreensão; pensar a história é pensá-la a partir das diferentes experiências do homem com o tempo, uma vez que, este não é imutável, está em constante mudança e experiência. O que singulariza o tempo e o espaço é a representação que se cria dele. É a representação que apreende o tempo.

Por essa perspectiva, o tempo se torna *palpável* no espaço do túmulo ou da capela de Antero, os objetos ali postos rememoram não apenas o seu assassinato na década de 1930, mas e também, divide espaço com as pagas de promessas atuais. É a rememoração do passado, ressignificada no presente. Em ambos os espaços existe dois tempos e duas formas de “narrar o Antero”. A cruz e as ferramentas de trabalho indicam o homem assassinado, julgado pelas mãos das famílias poderosas da cidade, já os bilhetes e os ex-votos indicam a construção do sagrado em torno de Antero, já que essa “santidade” é atual.

Não há como negar que a pesquisa histórica está em parte ‘presa’ a esse tempo e espaço, quando se questiona o momento e onde ocorreu determinado acontecimento, as possíveis respostas a essa inquietação carrega em si um arsenal de conjunturas e contextos que singularizam o episódio.

A década de 1930 marca o cenário histórico brasileiro com várias mudanças provindas da nova política. Novos rearranjos políticos, econômicos e sociais eram promulgados em todo território brasileiro. A cidade de Catalão não ficou fora desse discurso modernista encabeçado pelo governo de Getúlio Vargas. Havia a busca incessante de melhorias administrativas, de forma a abarcar também todo o Estado de Goiás. entretanto, Catalão vinha de um passado carregado de disputas entre grandes fazendeiros – esses conhecidos e chamados de coronéis –, seja pelo prestígio e/ou medo da população, seja pelo

almejo do poder político local. Catalão testemunhava a violência por diversos motivos, ódio entre famílias; brigas por terra, ou a paga da honra com o sangue. A persistência da violência anunciava que contradições ocorreriam entre o discurso propagado pelo Estado Novo, e a política local.

Mesmo havendo um discurso aportado a um modelo de país, os grupos que disputavam o poder em Goiás eram, em sua maioria, grandes latifundiários provenientes da política coronelística,

[...] os dois grupos [Família Caiado e Aliança Liberal] diferenciavam-se no discurso e no ideal de estado, porém a simbiose entre os resquícios da política coronelística e a contradição entre o discurso e a prática política deram o tom das disputas nas ralações goianas no pós-30 (MELO, 2009: 16).

Dessa forma, mesmo ancorado numa plataforma que negava os princípios da política coronelística, o grupo que assumiu o poder em Goiás não se absteve do uso da violência.

Mesmo sob acusações de práticas violentas e associações com o “jagunço” (a figura do jagunço durante o período da Primeira República personificava a imagem da violência dos coronéis), Luiz Sampaio e sua família foram componentes da base de Ludovico, inclusive sendo a Diógenes, filho de Luiz Sampaio entregue a intendência da cidade de Catalão. (MELO, 2009:17).

A cidade de Catalão ainda possuía em seu traçado marcas de um coronelismo e dos mandos e desmandos de grupos hegemônicos que determinavam os trilhos que os poderes institucionais e a própria população deveriam percorrer, entrando em choque com o discurso de progresso e do combate com o atraso.

É em meio a esse discurso de progresso, ideal de Estado e crise, que ocorre em Catalão em 1936 o assassinado de Antero, o qual, apesar de não se comprovar judicialmente ser o mandante do assassinato de Albino Felipe do Nascimento, é morto violentamente acusado de tal crime. Segundo Chaul “crimes como o de Antero vinham contra o discurso de progresso e modernidade, que implicavam civilidade e o fim da violência em todos os níveis, proferidos pelo movimento de 30” (1994: 195).

Foi partir desse episódio que Antero começou a fazer parte da história e da memória de Catalão. Na história escrita sobre o caso, memorialistas como Maria das Dores Campus e Cornélio Ramos se valeram de perspectivas de retratar o período e o percurso que a memória tomou, tendo como fio condutor a morte de Antero. No mais, a propagação do

episódio e de sua posterior “ascensão” como santo popular se deu através a memória coletiva.

Para Paul Ricoeur (2007) a memória constrói sentido a partir do momento que a história a questiona. Assim, a escrita da história não está atenta apenas ao que o historiador possui do passado, mas também dos vários caminhos que essa mesma história e essa memória assumiram ao longo do tempo.

Se valer da memória como possibilidade de estudo e algo referente ao passado, é pensá-la não somente como um lugar que as lembranças são armazenadas, mas como um conjunto de experiências do sujeito – as quais ele mesmo dá sentido e significados – apresentando a realidade para si e para os outros. A memória tal como também apontado por Platão é a representação presente de uma coisa ausente, “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (RICOEUR, 2007: 40).

É caminhando pelo território da memória que tomo o caso de Antero como possibilidade para se pensar a história e a memória de Catalão, assumindo também que, sua “santidade” e os rastros deixados pelos fiéis mediante a devoção que professam, se tornaram matriz para que a memória do lugar não fosse apagada com o decorrer dos anos. Questionar os lugares – túmulo e capela –, nos quais essa memória se materializa, ou as imagens e representações que se têm deles, pode me conduzir às imagens e representações que se tem de Antero e, junto a isso, ao conjunto de signos, significados e representações que os fiéis criam sobre a santidade popular. As imagens, objetos e lugares atizam a memória coletiva fazendo com que Antero não seja esquecido (NORONHA, 2007).

Assim, julgo de extrema importância recorrer às narrativas sobre Antero, contadas pelos memorialistas para saber: como tais sujeitos pontuam o enredo? Que memórias foram tecidas? Quais as prioridades?

Segundo o que consta no processo criminal, no dia 26 de maio de 1936 Albino Felipe do Nascimento, de 78 anos foi assassinado no local conhecido como “baixadinha da Pedra Funda”. Albino era um rico fazendeiro da região, casado pela segunda vez com Joaquina Cândida de Jesus, de 31 anos de idade. Após a morte por emboscada, a família do fazendeiro e de fazendas circunvizinhas a de Albino e o poder legal da cidade, buscou incansavelmente o culpado, o grupo manteve uma escolta formada por jagunços e amigos a fim de prender o criminoso (RAMOS, 1997).

Num primeiro momento, a culpa recai sobre o filho de Albino, João Albino do Nascimento, fruto do primeiro casamento. Posteriormente, e de acordo com os textos publicados³ sobre o assunto, Antero, amigo íntimo de Albino, é visto como mentor do crime. O mesmo não recebeu julgamento formal, foi acusado, preso e, retirado por jagunços e alguns populares da cadeia, foi linchado e morto.

De acordo com algumas considerações de Melo (2009) a morte de Antero é inerente ao contexto social e político da época – daqueles que utilizavam os poderes institucionais para praticar injustiça. Para Ramos (1997) a cidade de Catalão se desenvolveu em meio à violência, a jagunços e crimes.

Havia uma necessidade em solucionar a morte de Albino Felipe, prova esta que várias autoridades envolveram-se no caso, sendo preciso, conforme consta no processo crime, a convocação de um delegado especial para o andamento do caso. Era necessário que este crime fosse resolvido com urgência, para legitimar tanto o poder, quanto, para atingir uma norma disciplinadora à população.

Não é difícil de encontrar na própria cidade de Catalão e em cidades circunvizinhas histórias que possuem como apanágio o trágico. Todavia, o que distingue o crime cometido contra Antero dos demais foram os caminhos que sua história percorreu ao longo dos tempos. Visto, em um primeiro momento como o reflexo de uma sociedade em crise política institucional, sua história e sua memória tomaram novos caminhos, chegando ao século XXI, como santo no imaginário popular. Aqui recorro aos apontamentos de Paolo Rossi (2010), nos quais para esse autor a memória não é controlada pelo historiador, diferente do tempo, o qual pode ser modulado e escalado, pois, a memória possui em sua essência parte da experiência individual, do particular, até alcançar e ser partilhado socialmente.

O percurso da história e da memória de Antero se manteve na presença de um homem comum, e de uma história contada e (re) contada nos “quintais” e ruas de Catalão, a qual tem como mérito, uma memória coletiva que não permitiu que o emaranhado de histórias se perdesse em meio a uma história dita “oficial”, escrita por meio dos grandes acontecimentos.

Assim, procuro trazer à luz aspectos da memória individual, mas também coletiva

³ Sobre o tema indicamos as leituras de: GOMES, Luís Palacín, FAYAD, Chaul, Juarez Costa Barbosa. História política de Catalão. Goiânia: Editora da UFG, 1994; RAMOS, Cornélio. Catalão: poesias, lendas e história. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997;

que ficariam invisibilizadas não fosse o esforço constante de seus *contadores* em reafirmá-la constantemente, mediante suas práticas cotidianas. Pensar na persistência da memória e na imagem criada de Antero me faz também questionar como os sujeitos sociais elaboram suas lembranças, e junto a isso, seus esquecimentos.

Mesmo fazendo uso de um crime ocorrido na década de 1930, adoto que o martírio e a santidade popular de Antero é algo recente, assumindo que o universo da memória, associada às tentativas de manifestações de identidades, como fontes documentais para o historiador, revelam aspectos dessa mesma memória e da identidade dos sujeitos que recordam e elaboram simbolicamente o passado. Por isso, tomo os memorialistas como solo fértil na produção e elaboração dessa memória, uma vez que, todo registro documental é também um registro da memória. Tais memorialistas em suas descrições fizeram uso da memória de parte da população de Catalão, a partir da qual puderam contar suas vivências, como viam a cidade, como encararam o crime ocorrido e de que forma apreciavam a ideia do “santo Antero”.

Assim, ao elaborar a memórias sobre o caso Ramos divide os relatos em três momentos: Num primeiro momento aponta que os instrumentos policiais e judiciais eram frágeis para a solução do crime, com um emaranhado de pistas e suspeitos, os quais se perdiam no ar.

Havia uma coisa que favorecia [a] indicação do seu nome [Antero]: a dívida que tinha para com o fazendeiro, a liberdade com que contava para entrar e sair da estância, a amizade que devotava à família, deliberadamente deturpada por pessoas maldosas, o fato de o invejado poeta não possuir parente aqui; que se dispusesse a defendê-lo, ou posteriormente pudesse reclamar justiça, seu relacionamento com Chico Prateado, que era seu cobrador (1997:106).

Já num segundo momento se vale em representar como se deu a morte de Antero, descrevendo que o mesmo foi mantido na cadeia local. Após certo período, os policiais não conseguiram obter do suspeito a confissão, o que aparentemente irritou ainda mais parte dos populares que almejavam por justiça. A mando de seus chefes, jagunços tencionaram fazer “justiça” com as próprias mãos, e sem nenhuma resistência do suposto criminoso, ou mesmo das autoridades locais, parte dos populares invadiram a cadeira e a cela da qual Antero foi arrancado:

Amarraram-lhe uma corda ao pescoço, ataram suas mãos e o levaram pelas ruas aos empurrões e pontapés. Durante a caminhada, ele levou inúmeras espetadas de

faça pelo corpo. A intenção era fazê-lo sofrer bastante, num sadismo abominável (RAMOS, 1997: 107).

Por último, o mesmo autor, em sua obra memorialística sobre a história da cidade, dedica um capítulo de seu livro ao caso de Antero. O relato segue uma perspectiva de sofrimento, morte e santificação, desenvolve uma escrita dando como mérito final a trágica morte de Antero e elevação do mesmo, por parte da população catalana, a condição de santo no imaginário popular.

A crença geral é de que o mártir santificou-se. São diárias as orações em sua capelinha e no seu túmulo, presentemente bem cuidados por populares que contam com os dedos da mão, um por um, os culpados pelo massacre, todos eles castigados pela justiça divina (RAMOS, 1997, p. 109).

Tal como Ramos, a memorialista Maria das Dores Campos (1979) igualmente ao tratar sobre a história de Catalão, menciona Antero como mártir da cidade, enfatizando uma história carregada de mistério. Esses memorialistas e as narrativas construídas em torno de Antero é o que gabarita sua santidade, isso, a partir da dor do martírio dando a ele, a *ascensão* de santo popular no imaginário catalano. Essas narrativas se materializam mediante as inúmeras práticas e marcas que denunciam essa santidade, em especial, em manifestações de fé de devotos no túmulo e capela de Antero⁴.

A história e a memória de Antero com o passar dos anos foi tomando novas narrativas e interpretação. Logo seu túmulo após a sua morte, passou a ser visitado por moradores da cidade, que acreditavam que Antero poderia ser o intercessor entre o humano e o sagrado, uma vez que, passou por atrocidades, morrendo de maneira ‘inocente’.

O túmulo e a capela constituem os lugares que *materializam* a santidade e a memória do morto que virou santo. A santidade porque ali se institui o espaço de manifestação de fé e de *prova* de milagre alcançado. Essas manifestações podem ser explicadas através da representação como geradora de diferentes realidades, pensadas por grupos sociais, mediante os lugares e maneiras pré-estabelecidas de sentir, de dar a ler a realidade. Assim, as representações instituem o que um grupo ou os diversos grupos constroem e propõe para si mesmo e para os outros (CHARTIER, 1998). Enquanto lugar de

⁴ Esses apontamentos foram levantados em trabalho de campo durante os anos de 2010 a 2013 em visita ao túmulo e capeta de Antero.

memória (NORA, 1993), como espaço oriundo da construção coletiva, passível de (re) elaboração, uma vez que, se refaz no seio das demandas dos indivíduos específicos ou no conjunto das necessidades que lhes são comuns – devotos.

Assim sendo, parto dessa premissa para analisar como é representada a memória individual e coletiva no discurso da santidade popular, no caso aqui específico, a santidade popular de Antero, manifesta em seu túmulo e capela. O caso de Antero possibilita refletir sobre a memória e a história de Catalão, e, como o episódio ganhou repercussão a ponto de fomentar no imaginário popular da cidade, a elevação de Antero a categoria de santo popular, atribuindo-lhe curas e milagres de várias proporções. A santidade desenvolvida se tornou marco da memória do lugar, tendo como característica um emaranhado de mistérios e mitos.

[...] a memória não se rende à narrativa histórica sedenta por reduzi-la a um sentido único; mas também aproximação, porque a intriga tecida ambiciona – reconhecamos – ser tão aberta quanto as histórias que compõem estas tramas ilimitadas da memória (NORONHA, 2007:266).

A pesquisa historiográfica quando pautada nas questões que giram em torno da religiosidade deve ser atestada mediante as transformações, mudanças e observações acerca das variadas fontes documentais, pois, diferente das fontes ditas “oficiais”, a religiosidade caminha por terreno instável. Ela não é um processo para se racionalizar, cada indivíduo possui uma forma particular de dar-se a ler e expressar as formas de enxergar o mundo e as concepções de sagrado que possui deste.

Ancorado nas análises de Mircea Eliade acerca dos mitos, Mauro Bisson (2000) aponta que os mitos se referem a uma ‘história verdadeira’, por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. Tais análises surgem a partir da prerrogativa que,

[...] a história é, antes de mais nada, uma narrativa, elaborada pelo historiador não somente a partir de suas fontes, documentos e acontecimentos, mas, principalmente, das leituras e interpretações que tal historiador deles extrai, e se, no intuito de explicar e transmitir informações, essa mesma narrativa se aproxima dos relatos míticos, os mitos e a história não estariam assim tão distantes mas, ao contrário, estariam numa constante interação (BISSON, 2000: 208).

É exatamente nesse “território movediço” que caminho em busca de uma análise da santidade de Antero. A análise do sagrado de uma forma geral deve se aproximar de um caráter de interpretação, uma vez que, a religião é diversificada, exigindo, com isso, uma

cuidadosa interpretação, “não se trata apenas de uma questão de compreender e interpretar os fatos religiosos, mas sim lidar com esses fatos como algo sobre o que pensar, e ‘pensar de maneira criativa’” (ELIADE, 1993: 80). Apontamento este também feito por Veyne (2008) ao falar sobre a tarefa do historiador como não desvinculada de um exercício constante de interpretação.

Ao tomar a História Cultural com suporte do trabalho, assumo que a cultura é plural e se estabelece como uma espécie de guia de comportamento, uma *norma* de atitudes sociais que se funda nas muitas representações produzidas pelos diversos indivíduos. (CHARTIER, 1998). Assim, é através das representações manifestas por devotos através de sua fé que o trabalho aqui presente se faz. De acordo com Roger Chartier (1998), as representações não são práticas de si para si, mas constituem canal de representação de uma dada sociedade, a qual cabe ser entendida desvinculada dos meios totalizantes e oficiais do conhecimento histórico. Ou seja, através das representações é possível ao historiador acessar ao grupo que tem como protagonista de sua história, visualizado em suas práticas, mas também naquelas representações produzidas por essas mesmas práticas.

Em Paul Ricouer (2007) as representações não devem pairar no ar, evocamos o passado ‘presença do ausente’ através das representações que fazemos dele. São essas representações que constituem o local em que, as indagações, as dúvidas e as memórias são postas. Esse apontamento pode ser vislumbrado quando, em trabalho de campo se notou que os devotos sentem a *necessidade* de não apenas ir ao local para fazer ou pagar a promessa, mas de rememorar a história/morte/ santidade de Antero. Em experiências no local, fiéis ou não fiéis contam o caso de Antero, a forma de como ocorreu sua morte, identificando um período de grande violência e crueldade na cidade de Catalão, seguida de sua “ascensão” a santo popular.

Ainda para Ricouer (2007) a memória se torna de fundamental importância para as representações que são feitas sobre o passado, uma vez que, esta não deve ser vista no singular e sim no plural. A imagem de Antero e as narrativas construídas sofreram mudanças com o passar dos anos. Não há uma memória única e cristalizada sobre a forma de sua morte, os motivos e os caminhos até chegar à atualidade como santo popular. Várias memórias e histórias perdem-se em meio ao episódio central de sua morte, construindo a partir daí narrativas sobre o caso.

Hayden White (1994) e Paul Veyne (2008) ao apontarem sobre a narrativa no campo da História, afirmam que a história se constitui como um corpo de fatos, e que estes não existem isoladamente,

[...] o tecido da história é o que chamaremos de uma intriga, uma mistura muito humana e muito pouco 'científica' de causas materiais, de fins e de acasos; numa palavra, uma fatia da vida, que o historiador recorta a seu bel-prazer e onde os fatos têm as suas ligações objetivas e sua importância relativa (VEYNE, 2008: 48).

As narrativas se configuram, assim, como mecanismo do historiador, uma vez que este seleciona, simplifica e organiza 'narrativa dos acontecimentos', colocando-o para além documento: "os acontecimentos não são coisas, objetos consistentes, substâncias; são um corte que operamos livremente na realidade, um agregado de processos onde agem e padecem substâncias em interação, homem e coisas" (VEYNE, 2008: 48).

A morte de Antero, por si só, não produz simplesmente o acontecimento que, por seu lado, produz história, mas as ligações, as tramas e experiências forjadas a partir dessas é que dão sentido às narrativas construídas, e a partir daí as memórias ganharam voz. É preciso ir atrás das múltiplas e plurais memórias (HALBWACHS, 2006) e para tanto, é necessário questionar de quem são? Onde estão? E como são acessadas?

É necessário ir atrás de formas de se gerir as memórias para descobrir a quem estas têm servido e com quais propósitos. Não se podendo deixar, portanto, de pensar também no par memória/esquecimento, uma vez que tais instâncias da relação do presente com o passado precisam ser desvendadas para que o passado não seja usado como meio de dominação e exploração do homem pelo homem (RICOUER, 2007).

Ponto isso, ao afirmar que, a rápida propagação da adoração ao santo Antero se ocorreu devido ao reconhecimento, na visão de seus devotos, de sua capacidade de realizar milagres e prodígios, pois não há nenhuma tentativa do poder institucional da cidade de Catalão em reafirmar a possível santidade de Antero ou mesmo das instâncias religiosas em atestar essa santidade. O que se tem são tentativas *marginais* de devotos em manter viva sua memória.

Sendo assim, o que mantém essa memória são os símbolos, os signos e as representações construídas em torno do santo criadas por seus devotos. Paul Ricoeur (2007) assinala que se a imagem da ausência evoca uma presença, o historiador tem que buscar

somar isso ao seu trabalho. Assim, nota-se que há por parte dos devotos uma constante evocação da imagem de Antero, seja por sua morte, seja por sua atual santidade. Paolo Rossi (2010), em concordância, afirma que as imagens/representações evocam o ausente. As diversas formas que os devotos encontram em representarem sua fé a Antero configuram também sua ausência. Trazem de volta a imagem do morto, mas também o período marcado pela violência.

Como mantenedores dessa memória existe os *contadores* da história de Antero, que buscam dos lugares (capela e túmulo) como ‘lugar de memória’ para reviverem o caso. Aqui recorro pontualmente às considerações de Pierre Nora (1993), nas quais o autor concebe os lugares como espaço que as pessoas deixam suas marcas, depositam sua fé, e propagam a história e a memória do lugar. Tais contadores memorizam a história/trajetória de Antero a partir dos lugares e de formas e instrumentos de lembranças. (YATES, 2007).

Assim, parece-me legítimo questionar os lugares e os objetos ali postos na tentativa de compreender as relações sociais estabelecidas, uma vez que, elas se constituem componente indissociável da representação simbólica em que Antero se encontra.

Quando analiso o caso de Antero, entendo que sua *santidade* foi desenvolvida tendo como mediação a persistência dos fiéis e os rastros dessa memória, os quais não permitiram que a mesma fosse apagada ao longo dos mais de 70 anos. As pagas de promessa, os pedidos de graça e agradecimentos depositados na capela e no túmulo constituem uma tentativa de manter viva a memória do “morto”.

A religião é algo eminentemente social, edificada em grupo e as representações são frutos das realidades coletivas, os ritos são suportes para que esta se mantenha rica em elementos sociais. Semelhante à representação, a noção de espaço toma lugar no campo religioso, como experiência do sensível e do coletivo (DURKHEIM, 1989).

Partindo desses pilares, pode-se entender que as crenças populares, juntamente com a fé dos devotos, percorrem o território da “fuga”, do inteligível, se pautam na negação e/ou reação às normas brevemente impostas. Tais crenças são tentativas de sobrevivência do indivíduo ou do grupo e podem ser tomadas, segundo Michel de Certeau (1994), como estratégias estabelecidas pelos diversos poderes para garantir a existência. Assim, se constitui a intervenção do sobrenatural a fim de amparar a criatura frente a seu sofrimento terreno. A santidade de Antero é referente ao presente, as formulações de sua história não se deram no

período que ocorreu sua morte, mas sim posterior a ela. Ela expressa a forma de como a sociedade, após o episódio trágico de sua morte, o compreendeu ou fez-se compreendê-lo como o momento de nascimento de um santo.

A forma de devoção a Antero entra no campo da religiosidade popular e está pode ser entendida como a forma cultural que a religião adota num determinado povo. Os valores da religiosidade popular muitas vezes têm a capacidade de responder às grandes interrogações da existência humana, ao sofrimento de um inocente, à morte prematura de alguém querido, às dificuldades do dia a dia.

Assim, Antero se insere nesta temática, como santo popular. Sua biografia não condiz a uma vida ancorada nos parâmetros de santos canonizados pela Igreja, mas, o que o conduz ao patamar de santo no imaginário popular, é necessariamente, a forma como se deu a sua morte. Tomado pelas mãos de jagunços foi torturado até a morte, sem, contudo, segundo a apropriação por parte dos memorialistas sobre o caso, questionar o feito. O caso de Antero, até o presente momento, nunca esteve como solucionado. Nem mesmo o porquê do crime foi esclarecido. Acredita-se que o mesmo ocorreu por motivos de negócios mal resolvidos ou dívidas não pagas.

Todavia, a problemática relativa ao caso se dá em como o episódio ganhou espaço na história e na memória do lugar, logo, a relação sofrimento / injustiça / sobrenaturalidade, atribuiu a Antero poderes milagrosos. Visto como feitor de milagres e interventor dos homens junto a Deus, seu túmulo é atualmente um dos mais visitados pela população catalana. Uma capela foi construída em sua homenagem como sinal de paga de promessa, exatamente no local aonde Antero, segundo relatos, recebeu o último golpe que lhe tirou a vida. Como já pontuado, a procura pelo local é grande, sinais de devoção e retribuição por graças recebidas são notórios e, nesta, são deixados vários objetos como: flores, amuletos, velas, fotos, bilhetes, entre outros.

De acordo com as concepções de Pierre Nora (1993), a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto: é espontaneamente atualizada, e atemporal. O que fez a caso de Antero sobreviver por mais de sessenta anos foi à memória, os caminhos de lembrança e de esquecimento, de silêncio e de voz, e resistência que este percorreu. Jacy A. Seixas (2001), buscando discutir a memória e citando pontualmente Maurice Halbwachs, atribui à memória, seja ela individual ou coletiva, a capacidade de

contribuir na construção e reconstrução do passado.

Entre as várias interpretações sobre o caso de Antero, todas possuem a particularidade, em seu desfecho de atribuir ao mesmo, poder milagroso. Se, em primeira instância o discurso feito sobre Antero era de um forasteiro e um homem de caráter exímio, com um carisma invejado, logo após sua morte, a população, com base naquelas características de bondade, o apresentou como um herói, um santo, o qual suportou suas dores como “Cristo” suportou as suas.

A memória se enraíza no território instável, coletivo e particular, pois esta possui a dinâmica de questionar tempo e sujeito, alicerça uma perspectiva atemporal e sujeita a constantes transformações, já a história, carrega em si o cruzamento dos amplos aspectos da vida humana na duração temporal. Pensar na história é pensar no sujeito e como este deixou suas marcas ao longo dos anos. A história pode, como queria Marc Bloch (2001), ser concebida como uma das ciências humanas que tem como fim maior e último o estudo do homem nas suas amplas dimensões. Acredito que seja esse o território propício para refletir sobre a história de Antero ao longo dos anos, percebendo como essa, percorre o território da individualidade ao coletivo, acrescentando a isso, o uso na memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABAMBEN, Giorgio. Tempo e História: crítica do instante contínuo. In: ABAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, 1ª impressão, 2008, p. 106-128.

ANDRADE, Solange Ramos. A Identidade Católica: entre a religião e a religiosidade. In: ANDRADE, S. R., MANOEL, I. A. (org.) **Identidade Religiosas**. Franca: Civitas Editora, 2008, p. 253 – 281.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes do fazer** Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand do Brasil, 1988.

_____. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

CORREIA, Iara Toscano. **Caso João Relojoeiro: um santo do imaginário popular**. Uberlândia: Edufu, 2004, p. 240.

DAVID, Solange R. de Andrade. **Um estudo de religiosidade popular: “Santo” Menino da**

Tábua. Assis, 1991. Dissertação (Mestrado)- FCL - UNESP, 1991.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. 2ª ed. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Editora Paulus, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes** - o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Luís Palacín, FAYAD, Chaul, Juarez Costa Barbosa. **História política de Catalão**. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice / ED. dos Tribunais. 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MARGARETH, Rago; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

MELO JÚNIOR, Carlos de. **A construção do projeto do Estado Novo no interior de Goiás: o caso de Catalão (1937-1938)**. 48 f. Trabalho de conclusão de curso - Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2009.

NORONHA, Gilberto Cezar. **Joaquina do Pompéu: tramas de memória e histórias nos sertões do São Francisco**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

RAMOS, Cornélio. **Catalão: poesias, lendas e história**. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al]. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 193-301.

ROSSI, Paolo. [1991] Lembrar e esquecer. In: ROSSI, Paulo. **O passado, a memória, o esquecimento. Seis ensaios da história das ideias**. Trad. Nilson Moulim. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p.1-38.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos da memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória (Re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2001.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp, 4 ed. Reimpressão. Brasília:Ed. UNB, 2008.

TORRES-LONDONO, Fernando. **Imaginário e devoções no catolicismo brasileiro**. Notas de uma pesquisa. São Paulo, 2000. pp. 247-263.

WHITE, Hayden. O fardo da história. In: **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio C. de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 39-65.